

HT-73

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

Faculdade de Letras

Departamento de História

**“Gestão dos Recursos Naturais pelas Comunidades locais em
Moçambique: Estudo de caso: Gala Massala”**

**“Dissertação apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane”**

304.062(679)
56239
Nome: *Deizi Sitoi* 04
F. LETRAS U. E. M.
R. E. 27078
DATA 11 fev 100
AQUISIÇÃO 06239
COTA HT-73

Supervisor: Prof. Dr. Arlindo Chilundo

Maputo, Outubro de 1998



DECLARAÇÃO

Declaro que esta dissertação nunca foi apresentada, na sua essência, para a obtenção de qualquer grau, e que ela constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e na bibliografia as fontes que utilizei.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à minha família, pais, irmãos, tios e demais familiares

RESUMO

Esta dissertação analisa de uma forma mais aprofundada a gestão dos recursos naturais desde o período colonial até à actualidade. A análise é feita através de um estudo de caso. Trata-se do caso da localidade de Gala Massala no posto administrativo de Zitundo em Matutuine.

Em Moçambique, particularmente na região de Matutuine têm sido registados nos últimos anos graves problemas de gestão dos recursos naturais.

A gestão dos recursos naturais é importante para a subsistência das próprias comunidades e também para a sua conservação. Esta região é muito rica em frutos nativos para alimentação, capim, caniço, material lenhoso para a construção e proteína animal, etc. Outros produtos vegetais, tais como combustível lenhoso, plantas medicinais, são também retirados da região. Também o peixe que é retirado das lagoas existentes serve para o consumo e para a venda.

Entretanto, existem vários factores que interferem na gestão dos recursos naturais pelas comunidades locais tais como:

- A concessão de grandes extensões de terra à grandes empreendimentos que não tomam em consideração as preocupações das comunidades;
- A presença constante de pessoas estranhas à comunidade vem também romper o equilíbrio existente, pois estas pessoas quando retiram alguns recursos não respeitam as regras existentes no local.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação resulta de um trabalho de pesquisa em arquivos, bibliotecas e de centros de documentação de diversas instituições e também de um exaustivo trabalho de campo. Muitas pessoas foram determinantes para o sucesso deste trabalho que não seria possível inúmeras-las. É a essas instituições e pessoas que quero manifestar a minha e mais profunda gratidão.

Ainda que correndo o risco de omissão, involuntária, de alguns nomes passarei a mencionar os seguintes:

A minha família em especial a minha irmã dra. Mônica Sitei pelo apoio incondicional na elaboração do estudo.

Ao meu supervisor, Prof. Dr. Arlindo Chilundo, pela amizade, paciência, encorajamento que me deu, pelo seu encaminhamento incansável na elaboração deste estudo e pelo que esta experiência me permitiu aprender.

Aos membros da localidade de Gala Massala pelo apoio, e pela cooperação e pela hospitalidade dada.

A Helvetas (Matutuine), em particular o dr. Mateus Mutemba, por todo o apoio prestado na realização do trabalho de campo.

Ao Ministério para Coordenação da Acção Ambiental (MICOA), pelo apoio prestado.

LISTA DE ABREVIATURA

ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados

DDM – Mapeamento do Desenvolvimento Distrital

CNA – Comissão Nacional do Ambiente

FAO – Programa da Nações Unidas para Alimentação

MICOA – Ministério para Coordenação da Acção Ambiental

UNOHAC - Gabinete das Nações Unidas para Coordenação de ajuda
Humanitária

WCED – Comissão Mundial do Ambiente e do Desenvolvimento

ÍNDICE

Capítulo 1. Apresentação da dissertação. Técnicas de pesquisa

1.1 Introdução	1
1.2 Objectivos	4
1.3 Problematização	5
1.4 Hipótese	6
1.5 Periodização	8
1.6 Métodos e Fontes	9

Capítulo 2: Matutuine: Aspectos Geográficos, Humanos e Económicos da Região

2.1 Aspectos Geográficos	11
2.2 Aspectos Humanos	11
2.3 História do Distrito	13
2.4 Poder Tradicional	15
2.6 Sistemas de Parentesco	17
2.7 Recursos naturais existentes	18
2.8 Actividades Económicas	21

Capítulo 3. Gestão dos Recursos Naturais

3.1 Período pré-Colonial 27

3.2 Período Colonial 30

3.3 Período pós – Independência..... 33

3.3.1 Comunidade e Meio Ambiente. Estratégias de Uso e Maneio dos Recursos Naturais. 33

3.3.2 Meio ambiente e demografia 39

3.3.3 Meio ambiente e economia 43

Capítulo 4. Papel da Mulher na Gestão dos Recursos Naturais

..... 50

Conclusão..... 57

Bibliografia 59

Anexos

Mapa 1. Divisão Administrativa do Sul da Província de Maputo

Mapa 2. Comunidade de Gala Massala

Guião de entrevistas

Histórias de vida (entrevistas)

Introdução

Nos últimos tempos têm se verificado que as comunidades participam na gestão dos recursos naturais. O envolvimento das comunidades na gestão dos recursos é uma garantia da minimização da degradação dos mesmos e também da distribuição equitativa dos benefícios pelos envolvidos.

A área escolhida para o trabalho desta pesquisa é a localidade de *Gala Massala*, no posto administrativo de Zitundo, em Matutuíne. A escolha desta região teve como base o facto de o distrito estar próximo de uma região costeira, com uma faixa de floresta sub-litoral com alta diversidade florística e faunística; uma zona afectada pela guerra e que registou um número significativo de regressados e finalmente porque recentemente Matutuíne foi internacionalmente proclamada como sendo um centro de biodiversidade e uma região que merece protecção devido ao seu alto nível de endemismo.¹

No capítulo 1, apresentamos a dissertação e as técnicas de pesquisa usadas durante a realização do estudo. A dissertação procura analisar as várias formas de gestão dos recursos naturais pelas comunidades.

No capítulo 2, debruçamo-nos sobre os aspectos geográficos, humanos e económicos da região. Portanto, fazemos menção à localização e história do distrito, ao número de pessoas existentes no local, ainda referimo-nos às

¹ Negrão et al, 1996:125

autoridades que medeiam os conflitos na localidade, aos tipos de recursos e sua aplicação.

O capítulo 3 é reservado à gestão dos recursos pelas comunidades compreendendo 3 fases diferentes: o período pré-colonial, o colonial e o pós independência. Entre as 3 fases não foram encontradas diferenças significativas na forma como os recursos são geridos.

No capítulo 4, referimo-nos ao papel que as mulheres têm na gestão dos recursos naturais, pois são elas que ficam a cuidar da casa quando o seu marido está a trabalhar na África do Sul ou em outro local. Assim, cabe a ela o papel de gestora dos recursos para o sustento da sua família.

Nos últimos dois pontos, fazemos referência às conclusões chegadas e a respectiva bibliografia consultada.

Do trabalho ainda constam alguns anexos compostos por mapas, guião de entrevistas e duas histórias de vida.

Neste trabalho merecerão atenção alguns conceitos² como é o caso de: Comunidades, Recursos Naturais, Desenvolvimento Sustentável, Ecossistemas e Género. Por recursos naturais entende-se tudo quanto a natureza oferece que pode ser usado para satisfazer as necessidades humanas ou como sendo "qualquer porção do ambiente natural como ar, água, solo, floresta, vida

² Alguns conceitos serão desenvolvidos ao longo do trabalho, para um melhor enquadramento do tema.

selvagem e minerais³. Por os recursos serem uma expressão social, a sua preservação está dependente da participação das comunidades na sua gestão⁴.

Segundo Sahop, comunidade é definida como sendo um “grupo de pessoas, ou parte de uma sociedade maior, que vivem numa determinada área e mantêm alguns interesses e características comuns”⁵ ou, como “uma unidade social com estrutura, organização e funções próprias dentro de um contexto territorial determinado”⁶, ou, ainda, segundo a definição contida no Boletim da República como um “agrupamento de famílias ou indivíduos vivendo numa circunscrição territorial de nível de localidade ou inferior, que visa a salvaguarda de interesses comuns através da protecção de áreas habitacionais, áreas agrícolas, sejam elas cultivadas ou em pousio, florestas, sítios de importância cultural, pastagens, fontes de água e áreas de expansão”⁷. A definição destes dois conceitos, pode ajudar-nos a entender como é feita a gestão de recursos naturais pelas comunidades.

O estudo versa fundamentalmente sobre o impacto que a gestão dos recursos tem sobre a comunidade e sobre a terra ou ainda sobre os recursos.

³ Gilpin, 1980:205

⁴ Negrão et al, 1996:5

⁵ Sahop, 1978:175

⁶ Gilpin, 1980:205

⁷ Para este trabalho, tomamos como base a definição de comunidade contida no Br.nr.40:7-10-1997.

1.2 Objectivos

O princípio de que o uso dos recursos tem como objectivo primordial a satisfação das necessidades humanas e que este não pode comprometer as possibilidades das gerações futuras para satisfazerem as suas necessidades, suscitou em mim interesses de carácter geral e específico.

Entre os objectivos de carácter geral figuram a identificação de princípios básicos que norteiam a participação das comunidades na gestão dos recursos e de possíveis formas de gestão sustentável dos recursos naturais pelas comunidades.

Entre os objectivos de carácter específico importa referir os que consistem em descrever os diferentes sistemas de vida das populações e a sua interligação; caracterizar os vários mecanismos de utilização do meio ambiente ao longo da história; identificar o papel da mulher na gestão dos recursos; avaliar o impacto de projectos turísticos de grande dimensão desenhados sem tomar em conta os interesses das comunidades locais; propor medidas para a conservação do meio para reduzir os efeitos negativos; contribuir para a produção de informação relevante para a formulação de melhores planos de gestão dos recursos naturais e sua conservação.

1.3 Problematização

A gestão dos recursos naturais em Moçambique constitui uma prioridade, pois do produto do solo depende a vida de milhares de moçambicanos. Esta afirmação pode ser confirmada pelo facto de 65% do Produto Interno Bruto ser proveniente da agricultura e pelo elevado número de pessoas que emprega, cerca de 69,1% da população moçambicana.⁸

Apesar da sua reconhecida importância o solo está a sofrer degradação constante. Vários autores interpretam estes fenómenos de diversas maneiras, atribuindo a elas várias causas. Por exemplo, segundo Booth⁹, a injusta distribuição da terra aliada a densidades populacionais em certas áreas, e o fraco método de gestão do meio tem conduzido ao declínio das terras, reduzindo assim o seu potencial. Consequentemente, a má utilização ou má racionalização do meio ambiente tem impacto na vida das pessoas.

Alguns estudos apontam como resultado da má gestão dos recursos o facto de as pessoas terem de percorrer longas distâncias para ir buscar água, lenha. A mata onde se caça já não é a mesma pois já não existem árvores em abundância e como consequência, os animais estão a fugir ou são mortos por caçadores furtivos. Os solos devido à falta de arroteamento das culturas

⁸ Booth et al, 1994:115

⁹ op.cit:105

também se encontram cansados tendo como consequência a baixa produtividade; etc¹⁰.

Ao iniciarmos este estudo, várias questões se levantaram sobre a gestão comunitária dos recursos. Procuramos saber se haveria deficiência na gestão dos recursos? Se as comunidades não teriam as suas próprias formas de gerir os recursos? Se não, onde é que ficaram os seus usos e costumes? Se de facto houve mudanças para as condições de Moçambique, principalmente nas comunidades rurais, poder-se-á falar em gestão sustentável dos recursos naturais?

1.4 Hipótese

Actualmente, os recursos florestais e faunísticos estão sujeitos a uma forte pressão, por parte de pessoas estranhas à comunidade local, como é o caso da exploração desenfreada da chanfuta, da caça descontrolada, da exploração intensiva da lenha e carvão. Como consequência, ao nível deste distrito, há uma desmatação aguda causada por lenhadores e carvoeiros e o desflorestamento avança rapidamente. Regista-se também uma falta de controle na colheita de plantas medicinais, pondo em perigo a sobrevivência de um certo número de espécies.

¹⁰ Motta, 1995:1-5

Estes factores darão origem a degradação do meio ambiente e para que tal não aconteça é necessário que se faça uma melhor gestão dos recursos naturais disponíveis.

Um estudo recente realizado na África do Sul¹¹, mostrou que as comunidades locais têm valiosas informações no concernente à conservação do solo, mas o facto das actividades agrárias, terem negligenciado tais actividades conduziu ao uso insustentável do solo, uma vez que é daqui que vem a maior parte do sustento da população, urge fazer-se uma melhor gestão do mesmo.

Segundo o levantamento efectuado em Matutuine por Baquete¹² constatou-se que actualmente não existem medidas de conservação na área. Tanto os madeireiros, carvoeiros e lenhadores furtivos têm penetrado na reserva para o corte de madeira e extracção de lenha e carvão. Todavia já foram tomadas medidas para conter estes desmandos como, por exemplo, o estabelecimento de postos de fiscalização de produtos florestais.

Ao elaborarmos este trabalho partimos da hipótese de que *existe entre as comunidades uma sustentabilidade social onde é reconhecida a necessidade de participar na gestão ambiental. Esta sustentabilidade é caracterizada pelos tabus, mitos, ditos, preces, crenças e uma multiplicidade de outras manifestações relacionadas com o acesso e gestão dos recursos naturais, que tem por objectivo manter o essencial do processo ecológico, preservar a diversidade genética e programar o uso das espécies e dos recursos.*

1.5 Periodização

A recolha da informação sobre as estratégias das comunidades na “gestão dos recursos naturais”, foi orientada para o levantamento de dados que permitam entender o tecido social e económico em que as comunidades assentam. Assim o tema foi abordado em três períodos consecutivos.

1. Período pré-colonial : período de gestão pelas comunidades africanas sem ainda influência exterior.
2. Fase da ocupação colonial: período de modificações nos padrões de vivência dos habitantes
3. Período pós Independência - Muitos acontecimentos marcaram este período, sendo o principal a guerra civil que durou mais de quinze anos que flagelou o país, tendo como consequência o abandono por parte das populações dos seus locais de residência. Uma fase posterior foi a caracterização pelo retorno das populações, trazendo com elas uma nova dinâmica às práticas de gestão ambiental.

O estudo destes três períodos fornecerá dados que ajudem a entender a evolução das estratégias de uso da terra e seus recursos naturais.

¹¹ Pile, 1996:59

1.6 Métodos e Fontes

O presente estudo incide principalmente sobre a gestão sustentável dos recursos naturais pelas comunidades para o seu sustento desde o período pré-colonial até aos nossos dias.

O trabalho de pesquisa foi realizado nas aldeias da localidade de *Gala Massala*, previamente escolhidas. O trabalho de campo serviu para verificar se o discurso e os dados fornecidos pelas fontes correspondem ao que se tinha verificado.

As conversas e entrevistas, formais e informais, semi-estruturadas e não estruturadas complementadas com guiões de inquéritos previamente elaborados, foram os métodos de investigação usados. As entrevistas realizadas em Gala Massala foram conduzidas para a recolha de histórias de vida ou de outros assuntos não seguiram um questionário muito rígido. Utilizamos um guião de entrevistas com os principais tópicos sobre os quais queríamos recolher informações. As entrevistas foram realizadas sistematicamente utilizando dois métodos: a gravação em fita magnética e tomada de notas em blocos de apontamentos. A observação foi feita com base num guião estabelecido após as primeiras visitas exploratórias ao local. (ver guião em anexo). As entrevistas serviram para completar a informação recente sobre a gestão tradicional dos recursos como também para completar a informação escrita existente. As diversas entrevistas realizadas foram de diferentes tipos

¹² Baquete, 1995:10

quer quanto ao número de entrevistados (individuais ou colectivas) quer quanto ao encadeamento de perguntas (semi-estruturadas e não estruturadas).

As entrevistas foram aplicadas para os seguintes níveis: autoridade tradicional; agricultores (camponeses); associações de camponeses; administrador do distrito; e singulares. Os informadores chaves (autoridade tradicional, administrador do distrito) fornecem informação para a elaboração de uma história da zona desde o Sec. XVII.

As línguas utilizadas foram o ronga e o português. Foram também usadas fontes escritas como material básico para este trabalho que consistiram em : monografias, revistas, e outro tipo de material impresso como jornais e folhetos; relatórios de anónimos, viajantes; as fontes orais foram o complemento das escritas.

A revisão de material secundário para o presente trabalho foi levada a cabo quer em arquivos especializados sobre o assunto, quer nos gerais, sendo os locais de consulta os seguintes:

Arquivo Histórico de Moçambique; a biblioteca do Ministério Para a Coordenação da Acção Ambiental; a biblioteca do Centro de Estudos Africanos; Centro de Documentação Agrária do Ministério da Agricultura e Pescas, Fundo de Fomento Agrário, Direcção Nacional de Geografia e Cadastro (mapas); Instituto Nacional de Investigação Agronómica - Departamento de Terra e Água; bibliotecas da Faculdade de Letras e do NET/LTC)

Capítulo 2. Matutuíne: Aspectos Geográficos, Humanos e Económicos da Região

2.1. Aspectos Geográficos

O distrito de Matutuíne, localiza-se no extremo sul do país, entre os 26 e 27 graus de latitude Sul e entre os 32 e 33 graus longitude Este. É limitado a Norte pela baía do Maputo, a Sul pela África do Sul; a Este banhado pelo Oceano Índico, confinando a Oeste com o Reino da Swazilândia e o distrito de Namaacha e Boane¹³.(Vide map.1). Este distrito tem como postos administrativos Bela Vista (Sede do distrito); Catembe, Catuane; Zitundo e Machangulo.(Vide map.1)

2.2. Aspectos Humanos

A população do distrito de Matutuíne foi estimada, com base em números disponibilizados pela administração distrital, em 49.190 pessoas em Janeiro de 1996, altura do levantamento feito pelo Distritic Development Mapping (DDM). O Gabinete das Nações Unidas para Coordenação da Ajuda Humanitária (UNOHAC) planeou a assistência humanitária em 1994 com base

numa estimativa de 38.027 pessoas no distrito, naquele ano. Por sua vez, em 1980, o recenseamento populacional registou 57.509 habitantes. A população da capital do distrito é de 4.036 residentes. Com uma área de 5.403 quilómetros quadrados, a densidade da população do distrito de Matutuine é de aproximadamente nove habitantes por quilómetro quadrado.¹⁴

Tabela 1 – Perfil Estatístico do Distrito de Matutuine

População Total	49.190	População da Capital	4.036
Regressados e Deslocados	11.419	Como % de pop. Total	23,2%
Superfície	5.403 Km ²	Densidade Populacional	9 hab/Km ²

Fonte: DDM, UNOHAC, ACNUR, FAO

O despovoamento do distrito de Matutuine parece ser irreversível, pois todos procuram as grandes cidades na tentativa de encontrarem melhores condições de vida. Em Matutuine, em cada ano que passa o número de habitantes vai decrescendo. O censo de 1997, indicava existirem no distrito 36.368 pessoas, tendo sido também projectadas 37.874 para 1998, comparadas a 49.190 registadas em 1996. A redução deste número segundo as fontes administrativas¹⁵ é resultado da migração das mesmas para países vizinhos a procura de emprego para melhorar as suas condições de vida.

¹³ Atlas de Moçambique Vol.I,1996:7

¹⁴ ACNUR/PNUD;1996:3-5

¹⁵ Fumo, funcionário da Administração de Matutuine,1998

2.3. História do Distrito

Na primeira metade do sec. XVII a faixa de terra compreendida entre a margem Este do rio Maputo e o Cabo de Santa Maria, e a fronteira com o Kwazulu a Sul, era habitada pelos Matxhavana¹⁶.

No sec. XVIII, Maputsu¹⁷, filho de Hossi Nwangove Tembe que residia entre os rios Umbeluze e Maputo, conquistou as terras dos Matxhavana para o seu pai¹⁸. Por meados do sec. XVIII, altura em que Nwangove Tembe morreu, o território foi dividido pelos seus três filhos, Nkupo, Maputsu e Mpanyeia, ficando Nkupo com a região Norte (hoje posto administrativo da sede – Bela – Vista) e Maputsu com as terras que tinha conquistado (hoje a faixa costeira de Machangulo até Zitundo).

No final do sec. XVIII Mpanyeia perdeu o seu domínio a favor de um dos seus irmãos, passando, até meados do sec. XIX a haver somente duas

¹⁶ Grupo de anciãos, Gala Massala: 1998. Os Matxhavana consideram-se rongas que se localizam na zona da Catembe. Este foi o primeiro grupo a habitar a região, isto antes das migrações Zulu para o sul de Moçambique.

¹⁷ Johnasse Tembe (régulo), Gala Massala: 1998. O termo Maputsu (Maputo), tem origem no nome de um dos filhos do rei *Nwangobe*, que dominou a margem direita do rio *Lisutu* (rio Maputo) no Sec. XVIII.

¹⁸ INPF, 1996:8

chefaturas, Tembe¹⁹ e Maputsu²⁰, nessa altura, ambas foram conquistadas pelos Nguni passando a pagar tributo à Shaka Zulu²¹.

Data somente do final do sec.XIX, depois da conferência de Berlim, que os Portugueses conquistaram Maputsu e instalaram a sua administração.²²

Os habitantes da região são quase na totalidade tongas, com tradições pastoris e habitualmente classificados do ponto de vista étnico como Rongas.

A comunidade ronga encontra-se à volta da baía do Espírito Santo, actual baía de Maputo. Segundo Junod, a palavra ronga é muito antiga e muito cómoda, pois todos as comunidades à volta da baía de Maputo consentem em ser designados por ela. Os rongas de Matutuíne são um sub-clã do clã Tembe que se tornaram independentes²³. Estes clãs e sub-clãs, fazem parte da tribo Tonga. "A tribo tonga compõe-se de um grupo de populações bantos estabelecidas na costa oriental da África do Sul, desde as proximidades da baía da Santa Lúcia, na costa do Natal, até ao rio Save, a norte"²⁴. O nome tonga, foi-lhe dado pelos invasores zulus ou angonis que reduziram à servidão a maioria dos seus clãs entre 1815 e 1830. A origem deste termo zulo é provavelmente o termo ronga, que significa oriente (buronga=alvorada), e pelo

¹⁹ Simão, 1996:8/9 Este grupo foi um batalhão zulu que atravessou o sul de Moçambique, depois de uma derrota sofrida na Swazilândia (*Zuidland*), que tinha por finalidade raptar homens para ingressar no seu exercito, a pilhagem de bois, mulheres e crianças para a fortificação do seu reino, tendo atingido Moçambique como forma de escapar do seu rei

²⁰ op.cit:8 A mudança do nome de Maputsu para Matutuíne dá-se em 1975, quando o nome da capital do País passou a chamar-se de Maputo em vez de Lourenço Marques, nome que ostentava durante o periodo colonial.

²¹ INPF, 1996:8

²² op.cit :8.

²³ Junod, Vol.II, 1974:26-28

²⁴ op.cit:24

qual o clã dos arredores de Lourenço Marques tinham o costume de se designar²⁵.

Os tsongas ocuparam no sul uma extensa parte do território moçambicano. Estes são agricultores e pastores. A emigração para a África do Sul vem sendo prática há mais de um século. O contacto com os povos da África do Sul fez sentir os seus efeitos. Teve influência na mentalidade, no nível de vida, na cultura, etc.²⁶

O conhecimento sobre a população é limitado. Muitos dos aspectos aqui descritos e que serão abordados não correspondem à realidade actual, se se considerar que a sociedade ronga sofreu profundas mudanças, que afectaram a sua estrutura política, económica e sobretudo social.

2.4. Poder Tradicional

A área em estudo, *Gala Massala* está situada aproximadamente a 132 km do posto administrativo sede de Matutuine (Bela Vista).

Gala Massala era o nome do antigo régulo desta região que tem como limites *Muvucuza a Sul*, *Zitundo* à Norte. (Vide map.2)

Com a sua morte ascende ao poder seu filho *Nwanfutsu* que foi morto durante o último conflito armado que teve o seu término em 1992. *Job Manzini* foi quem substituiu *Nwanfutsu*, que foi preso mais tarde por ter encoberto um crime (assassinato) e por sua vez substituído por *Johnasse Tembe* de 66 anos,

²⁵ op.cit:25

parente de seus predecessores. *Johnasse Tembe* foi empossado há 4 anos pelas estruturas políticas do posto administrativo de Zitundo. Após a soltura de *Job Manzine* este foi viver para a casa dos filhos de *Gala Massala* na África do Sul.

Administrativamente ela está sob o auspício da autoridade tradicional, que é o régulo *Johnasse Tembe*, com sete *indunas*:²⁷ *Kumbula Xibhongo* (*Kanhanga*), *Muthai Manzini* (*Kaligodo*); *Mapanga* (*Kamabahla*); *Valente* (*Kavulandi*); *Vhuba Mahlango* (*Katendiza*); *Lifofo Tembe* (*Kamuhaha*); *Langa* (*Mbavho*). O régulo recebe orientações de Zitundo a sede do Posto administrativo com o mesmo nome, sendo ele o elo de ligação entre a comunidade e o poder oficial.

As principais actividades do poder tradicional são a atribuição de terras e a resolução de conflitos, em conjunto com a comunidade, não significando que é uma actividade exclusiva, pois o poder formal instituído tem também poder na resolução destes conflitos.

Actualmente *Gala Massala* encontra-se fracamente habitada (30 famílias). A extensa fronteira que o distrito tem com a África do Sul a maior potência económica em África, privilegia os investidores sul africanos com grandes interesses na área turística, comercial, agrícola e pecuária e, por um lado, e que grande número de habitantes da região fujam para África do Sul à procura de melhores condições de trabalho, por outro. As pessoas não

²⁶ CNA, 1992:5

regressam entre outras razões porque não se sentem seguras, pois dizem que as suas terras foram vendidas ao projecto Blanchard, um projecto de Eco - Turismo, ao qual foram concedidos cerca de 250.000 hectares como concessão cuja área em estudo está inclusa.

A área recebeu também imigrantes que vieram de outras partes do país e de fora (África do Sul e Swazilândia), atraídos pela diversidade de recursos naturais existentes e outros factores físicos existentes.

2.5. Sistemas de Parentesco

A maior parte dos habitantes de *Gala Massala* fala *xizingiri*, uma variante do ronga. Também existem falantes do Zulu, devido as tradicionais ligações com a África do Sul. No âmbito dessas ligações, a maior parte dos homens de *Gala Massala* em idade activa trabalham na África do Sul e esta é uma das razões por que praticamente não existem jovens do sexo masculino em *Gala Massala*.

Por ser um grupo patrilinear, no geral, a transmissão da terra é feita pela via masculina embora haja casos em que ela ocorra pela via feminina. Esta forma de transmissão da terra ocorre na maior parte dos casos, se não existem descendentes masculinos, quando uma filha casada volta para casa dos pais ou ainda quando não se casa. Em cada um dos caso atrás referidos as mulheres,

²⁷ A comunidade local considera os *indunas* uma espécie de policia tradicional, policia do régulo.

adquirem direitos de ocupação e de utilização da terra mas em regra não podem transmiti-la a outrém.

Importa ainda referir , que a pertença às linhagens costuma ser o critério principal de atribuição de terras. Cada indivíduo tem direito ao acesso à terra e outros recursos enquanto membros da rede de parentes onde está inserido.²⁸

2.6. Recursos Naturais Existentes

A região de Matutuine de um modo geral é uma região ondulada e apresenta solos arenosos; as fontes hídricas são de água doce e salobra sendo as essenciais as lagoas Chingúte, Piti, Munde, o rio Fúti e o rio Maputo este que abastece maioritariamente os povoados que se situam ao longo do seu percurso, tanto em água para beber como para rega de entre outras funções.(Vide map.2)

A região apresenta dois tipos de climas: Clima Tropical Húmido em toda a faixa costeira e mais para o interior, e o Clima Tropical Seco na região central do distrito a sul. No geral, Matutuine é caracterizado por temperaturas médias anuais que variam entre 22 e 24 graus centígrados.

Tello²⁹ e Baquete³⁰ descrevem a diversidade específica da fauna existente na região o que favorece a preferencia no uso das espécies pelas

²⁸ Loforte, 1996:18

²⁹ Tello, 1973:15

³⁰ Baquete, 1995:22-37

comunidades. Ainda Baquete³¹ descreve como as famílias locais usam as espécies vegetais para alimentação, as árvores que simbolizam o valor social pela qualidade de material de construção que oferece , ou ainda a fruta para o fabrico de bebidas para a realização de cerimónias de veneração dos antepassados.

Neste contexto, é de salientar que existe uma exploração intensa de plantas medicinais³² e da produção da *sura* (bebida tradicional, proveniente do corte de *hyphaena reclinata*, ambas as espécies da família *Palmae*), com fins comerciais. Ambos os produtos são vendidos na África do Sul o que incrementa a sua exploração tanto por locais como pela população não local.

³¹ op.cit: 22-37

³² Algumas plantas de Gala Massala e sua aplicação

Nome local	Nome científico	Aplicação
Munangati	<i>Bridelia cathartica</i>	Lavagem estômago
Kulhu	<i>Trichilia emetica</i>	Tosse;Fruteira
Gowane	<i>Albizia adranthifolia</i>	Asma; Lenha; carvão
Nsenge	<i>Dicrostachys cinerea</i>	Disso; Muna;Lenha;Carvão
Manono	<i>Strychnos Henningsii</i>	Tosse
Macuacua	<i>Strychnos innocua</i>	Fruteira
Nheve	<i>Manilkara discolor</i>	Fruteira
Massala	<i>Strychnos spinosa</i>	Fruteira
Ukanie	<i>Sclerocarya birrea</i>	Fruteira

Fonte: Helvetas' (Matutuine)

Sendo assim, verifica-se a falta de uma boa gestão no uso desses mesmos recursos, por exemplo, para a exploração de plantas medicinais na maioria dos casos aproveita-se a raiz seja de uma árvore ou arbusto mas após a exploração não se têm tapado os buracos para depois permitir que a planta se regenere, provocando, assim a curto prazo a morte da árvore.

A terra é um dos principais recursos desta população e é usada basicamente para a prática da agricultura. Existem também neste local os *mitimus*³³ que são locais onde a comunidade (chefes tradicionais) fazem cerimónias tradicionais³⁴, pastagens, fontes de água que são duas lagoas *Piti e Tindiza* que fornecem duas variedades de peixe: *Tilapia e Babule*, encontram-se também alguns hipopótamos e crocodilos.

As florestas que cobrem uma grande porção da terra também servem para a prática da agricultura, corte de lenha, recolha de mel, recolha de plantas

³³ Florestas sagradas.

³⁴ As cerimónias têm por objectivo pedir chuvas e que as colheitas sejam boas. A cerimónia consiste no seguinte: Quando não chovesse durante muito tempo, a população reunia-se com o régulo e pedia que se fizesse uma cerimónia para pedir chuva para então poderem fazer as suas machambas. O régulo, por sua vez reunia-se com os seus *indunas* para discutirem os procedimentos a tomar. Sendo assim, o régulo determinava uma quantia em dinheiro que cada indivíduo devia dar para a compra de um animal, um boi ou um cabrito, e a respectiva bebida designada por *sopé* (bebida tradicional feita de cana de açúcar). Quando tudo estivesse pronto, no dia combinado para a realização da cerimónia, o régulo, os *indunas* e os idosos da localidade dirigiam-se para o *mitimu*, onde sacrificavam o animal e faziam rezas despejando a bebida na campa existente no local. Este fenómeno é designado por *Kuphahla*. Depois de feitas as rezas, acendia-se uma fogueira onde assavam a carne. Esta carne tinha que ser comida no local, pois segundo os entrevistados, se houvesse alguém que não respeitasse este princípio, era possível que ficassem muitos anos sem que chovesse. Os entrevistados afirmaram que não levava muito tempo para que a chuva caísse, em algumas ocasiões era a própria chuva que apagava a fogueira. Entretanto, esta cerimónia não é feita a muito tempo, pois segundo os entrevistados no momento não existem no local descendentes directos do régulo, estes encontram-se a estudar na África do Sul.

medicinais, materiais de construção e outros bens úteis, fabrico de bebidas(sura- palmeiras selvagens)

As plantas/árvores mais comuns nesta região são a *Mafurra* (*Trichilia emetica*); *Macuacua* (*Strychnos innocue*); *Nhewe* (*Manilkara discolor*); *Massala* (*Strychnos spinosa*); *Ukanie* (*Sclerocary abirrea*); *Muhlu* (*Syzygium Cordatum*); *Tsole* (*Mimusops caffra*); *Tindziva* (*Dialum schlechteri*). Estas plantas/árvores tem um significado muito especial para a população, não podem ser cortadas porque são árvores nativas, segundo a comunidade local, as árvores de frutos nativas em hipótese alguma podem ser cortadas, pois são estes frutos que alimentam a comunidade no tempo da seca.

Em relação às árvores não nativas como laranjeiras, mangueiras, etc..., não é muito usual o seu cultivo pelos autóctones, pois existe a crença entre eles de que quando plantam uma árvore, isso significa que logo após a primeira geração de fruta a pessoa que a plantou morre. Por isso, a resistência em não querer plantar árvores de frutos, é uma crença ligada à morte. Por isso, ao longo do distrito existe uma predominância de árvores nativas.

2.7. Actividades Económicas

A população de *Gala Massala* depende da agricultura de subsistência tendo como culturas predominantes nas zonas altas amendoim, mapira, milho,

melancia, abóbora, feijão nhemba; enquanto que nas zonas baixas cultivam-se bananeiras, cana-doce, batata doce, hortícolas;

A agricultura familiar ocupa pequenas áreas, geralmente próximas do rio. Este tipo de actividade ocupa a grande maioria da população. Desenvolve-se principalmente uma agricultura de sequeiro³⁵ (cerca de 3 milhões de hectares anuais) e dedica-se principalmente a culturas alimentares como milho, mapira, arroz, mandioca, amendoim³⁶.

Este sector não usa fertilizantes nem pesticidas e baseia-se em sementes de produção local e trabalho manual, utilizando enxadas e pás, principalmente.

Apesar dos terrenos junto ao rio serem férteis, nos primeiros anos de cultivo, verifica-se que as culturas são muito prósperas depauperando-se em seguida, isto porque os camponeses usam durante muito tempo a mesma terra. Quando o agricultor verifica que a qualidade da produção diminuiu este procura outro terreno para desbravar.

Todo este processo causa graves problemas ambientais. Porquanto, sempre que uma machamba deixa de render tem de abrir uma nova área, o que corresponde a um novo desbravamento, novas queimadas, novo abate de árvores.

Entretanto apesar de estes aspectos caracterizarem as condições gerais de utilização da terra no distrito na sua globalidade, na zona onde o estudo foi feito, as condições existentes favorecem a diversificação das práticas.

Embora estas actividades se complementem com as outras é muito importante que as famílias locais tenham outras actividades geradoras de rendimentos como a pratica da pesca, a criação de gado, a caça e a exploração de uma grande variedade de recursos naturais tais como a madeira para a obtenção de lenha, as plantas medicinais, a colecção de frutos, a exploração de mel etc.

Sendo este distrito possuidor de vários recursos hídricos, a pesca assume um valor muito importante para a dieta das famílias. A comunidade pesca nas duas lagoas existentes, *Piti e Tindiza*, sendo a época de defeso de Novembro a Janeiro. O período de defeso ilustra perfeitamente a noção que a comunidade tem de gestão dos recursos pesqueiros, pois sabem se pescarem durante o ano todo, chegaria uma altura em que nem peixe para a própria alimentação existiria.

Um exemplo de gestão racional dos recursos naturais é ilustrado por uma prática antiga de conservação duma espécie de peixe preto (*Babule*)³⁷ das lagoas. Numa altura definida do ano, a comunidade aumentava a profundidade de algumas partes das lagoas. A ninguém era permitido pescar e os indunas, asseguravam que este principio não fosse violado. Ao fim de algum tempo, quando o peixe já estivesse crescido e em grande quantidade o régulo

³⁵ Esta agricultura não usa rega, depende das chuvas para as culturas poderem se desenvolver.

³⁶ CNA, 1992:6

³⁷ Este tipo de peixe não é pescado frequentemente, segundo a comunidade local a existência deste peixe num certo local é sinónimo de grandes cardumes de peixe.

determinava que fosse aberta a época para a pesca, esta feita pelo próprio régulo³⁸.

A pesca é praticada por mais de 40% da população. Esta é feita em gamboas, à linha e com o uso de redes. As principais espécies de peixe são o *Babule e Tilapia*. O pescado é vendido em Maputo e Ponta D'Ouro porque localmente não existem compradores, pois todos têm a possibilidade de pescar para o consumo diário.³⁹

É na floresta que a população encontra outra fonte alternativa de rendimento. A árvore, que tem uma importante função para a preservação ambiental fornece não somente a madeira, mas também os produtos necessários à alimentação dos homens e animais. A madeira só por si constitui um elemento económico fundamental, neste continente em que o potencial hidroeléctrico é explorado parcialmente e onde as reservas de hidrocarbonetos têm uma distribuição desigual. Com efeito a madeira, energia e o carvão de lenha fornecem perto de 90% das necessidades energéticas da maior parte dos países africanos⁴⁰.

A comunidade tem noção do quanto é perigoso fazer-se o corte descontrolado das árvores, pois correm o risco de não terem árvores para a sua

³⁸ Helvetas, 1998:5

³⁹ Por não existir um sistema de frio para conservar o pescado, os pescadores optaram por secar o peixe. Na região existe somente uma pessoa com possibilidade para escoar o produto, pois possui transporte próprio. Os restantes são obrigados a transportarem o produto na cabeça, porque na região é muito raro que apareça transporte. Assim sendo, estes tem que percorrer longas distâncias para poder vender o seu peixe na fronteira com África do Sul, em Ponta do Ouro ou em Zitundo. Os preços praticados não compensam as longas caminhadas, nem sequer é suficiente para a compra das redes. Vendem o molho de 7 peixes a 10 mil meticais. É de referir que os preços praticados são em rands.

subsistência⁴¹. Sendo assim, segundo a comunidade local, existe realmente a preocupação de se preservar as florestas, mas devido ao elevado custo de vida, têm de encontrar alternativas para a sua sobrevivência. O corte de árvores para a feitura de carvão e de lenha constituem uma das principais alternativas, só que elas obedecem também a regras.

Contudo, a comunidade não corta qualquer árvore. É necessário que a árvore esteja madura para se poder efectuar o corte e isto é verificado quando é feito um corte transversal de uma árvore e quando se verifica que esta ainda está com uma cerradura vermelha é sinal que a árvore ainda não está pronta para o corte. Assim, procura-se outra árvore que apresente cerradura acastanhada. Mesmo assim, as árvores não são arrancadas pela raiz, pois feitas desta forma não há possibilidade de regeneração, corta-se a árvore e deixa-se um metro com a raiz para poder voltar a crescer. O crescimento acontece de 6 a 8 meses após o corte. Geralmente quem não respeita estas regras são pessoas estranhas a região e que fazem o trabalho a noite⁴².

Em relação à actividade pecuária, são criados e comercializados pelas populações, animais como galinhas, patos, coelhos e em outros locais em pequena escala criam-se também cabritos, bois e porcos.

⁴⁰ Chamard, 1993:336

⁴¹ Entrevista, Fernando Manganhela:05-07-98

⁴² Fernando, Gala-Massala, 1998

A caça é uma actividade que suplementa a dieta das famílias, sendo caçados para este fim animais como a gazela e o coelho , mas a ocorrência de abates indiscriminados põe em causa a continuidade destas espécies.

Actualmente, devido a desflorestação e a guerra recentemente terminada a caça é pouco abundante. A caça era somente para o consumo. Estas actividades tinham lugar no período seco, quando os terrenos estavam a ser preparados para o cultivo. Segundo Loforte, “de uma forma geral a exploração dos recursos na floresta em termos de caça e colecta de frutos, raízes ou plantas espontâneas intensificou-se no período de colagem quando os celeiros estavam vazios”.⁴³

Capítulo 3. Gestão dos Recursos Naturais

3.1. Período pré - Colonial

Nas sociedades rurais, particularmente nas do continente africano, à terra é atribuída um valor indecifrável, esse valor é comparado com o próprio valor humano porque em todos os acontecimentos da sua vida, o homem se sente a ela ligado pelas suas necessidades⁴⁴. É na terra que se enterra o cordão umbilical dos recém nascidos e é também nela que enterram os restos mortais dos seus entes falecidos, por isso, a terra tem também uma dimensão cultural para além da económica.

A terra sempre forneceu ao homem os recursos que lhes permitem, de forma mediata ou imediata, impor-se economicamente. Devido aos recursos que a terra tem, esta torna-se muito importante para os detentores do poder político, pois a propriedade dos meios de produção sempre andou ligado a ideia de poder. A título de exemplo, muitas disputas, guerras que surgem ao nível das comunidades e, num âmbito mais complexo, entre países, muitas vezes têm origem na posse dos recursos existentes numa dada comunidade.

Assim e de acordo com o referido no parágrafo anterior, os problemas ligados à posse e utilização da terra constituem em todas as épocas um dos lugares cimeiros na valorização dos interesses da comunidade em particular e no geral dos países, pois os problemas ligados a propriedade e exploração da

⁴³ Loforte, 1996:30

terra são tão antigos quanto a existência do homem. Quer seja individual ou colectiva, a propriedade da terra e o seu usufruto constituem uma força ideal de tal ordem que nenhum poder político a ignora, mesmo quando a não toma na sua verdadeira dimensão⁴⁵.

Até ao advento das forças do mercado que conduziram ao uso indiscriminado dos recursos naturais, o homem sempre geriu os recursos naturais, incluindo a terra de forma sustentável. O uso desenfreado dos recursos naturais passou a constituir uma preocupação que conduziu mais tarde ao surgimento do conceito gestão sustentável⁴⁶.

Como se mencionou anteriormente este conceito é recente, pois nos primórdios da humanidade esta problemática ainda não constituía problema pois as comunidades viviam ligados à natureza, preservando-a, e tirando dela somente o necessário para a sua subsistência.

Estas comunidades despendiam uma energia colectiva em nome da preservação das espécies, recebendo em troca o direito a um usufruto comum. A interacção com a natureza permitiu-lhes a formulação de leis que os guiavam, destacando-se aqui a predominância de elementos naturais⁴⁷.

⁴⁴ Cancelas, 1972:59

⁴⁵ op.cit:61

⁴⁶ Este é um conceito novo, por isso não existe uma definição exacta sobre o mesmo, mas para este trabalho define-se como um processo permanente e participativo da formação de conceitos e de obtenção de competência que motiva as pessoas e ao público em geral a possuírem comportamentos com vista a defesa e preservação da natureza, isto é, utilizar de forma racional dos recursos existentes, sem que se comprometam as possibilidades das gerações futuras.

⁴⁷ Corrêa, 1977:22-34

Como os solos eram de baixa fertilidade, usavam-se os vegetais como adubo. Para a obtenção destes nutrientes a fim de serem utilizados nas culturas de produtos alimentares, eram derrubadas as florestas ou desvitalizadas (através de um corte de anel da casca) e o material morto era queimado durante a estação seca. As cinzas de madeira actuavam como fertilizantes do solo.

Tornou-se também evidente para os habitantes que após algumas colheitas o solo tornava-se tão pobre que estes eram obrigados a deslocar-se para outras áreas onde recomeçava o processo. Isto em última instância, fazia com que estes solos abandonados fossem invadidos por arbustos o que permitia a recuperação da fertilidade dos solos. Esta prática não difere muito das que são praticadas hoje no distrito de Matutuíne. Das entrevistas realizadas em Gala, chegou-se à conclusão de que os seus habitantes não recorriam a investimentos externos dispendiosos, com vista ao aumento da fertilidade dos seus solos, mas à prática do pousio⁴⁸ a mais generalizada entre os seus habitantes. Não obstante a prática da itinerância⁴⁹ ser salutar neste período, esta, por outro lado, trazia graves problemas de erosão, pois aquando das deslocações de um lugar para outro era destruída uma grande quantidade de árvores não aproveitadas. Coelho⁵⁰ referindo-se a este assunto diz que este

⁴⁸ CNA, 1992. O pousio é utilizado como técnica que tem em vista o aumento da fertilidade dos solos. Durante o pousio, a vegetação natural cobre e protege o solo e alimenta o gado. Quando a vegetação é enterrada para se cultivar a terra, os restos vegetais fornecem o húmus

⁴⁹ Agricultura itinerante é aquela que esta associada ao nomadismo, pois quando a pessoa verifica que a terra já não produz em quantidade e qualidade suficiente abandona o terreno e vai a procura de uma nova terra para desbravar

⁵⁰ Coelho, 1987:1

processo obrigava a uma constante movimentação das comunidades de um lugar para outro.

As comunidades neste período tinham consciência global daquilo que poderíamos designar por conservação dos recursos naturais, pois as experiências por eles vividas visavam garantir um meio de sobrevivência sustentável. É, pois, possível perceber uma grande sensibilidade da comunidade para as condições impostas pelo meio, dado que o agricultura praticada tinha fracos recursos para modificar aquelas condições.

Apesar de tudo isto, neste período, não houve uma grave degradação do meio associado também a baixa densidade populacional porque as práticas de manejo e gestão dos recursos eram conscientes para evitar problemas ambientais graves. A população de Moçambique foi estimada em três milhões de habitantes no início deste século⁵¹.

3.2. Período Colonial

Um dos principais objectivos do colonialismo era a extracção de matérias primas tais como os metais preciosos, madeiras, cera, oleaginosas, carnes, peles, fibras. etc., sem um mínimo de atenção para com a manutenção

⁵¹ op.cit :4

dos ecossistemas⁵². A intensificação da exploração destes recursos criava um desequilíbrio na economia local e esgotava os recursos da natureza.

Coelho, a este respeito, teria comentado que “de uma forma geral, a chegada do colonialismo, veio, num primeiro momento, romper o delicado equilíbrio existente entre as comunidades e o meio, porque pretendia a pilhagem de recursos com grande voracidade quer porque para isso penetrou e alterou de forma desplanificada o sistema de produção existente nas comunidades, chegando mesmo a extremos de sua destruição”⁵³.

A exploração de Moçambique não fugia a este contexto. Antes da chegada dos portugueses, em Moçambique a prática da agricultura itinerante era um facto em algumas regiões, principalmente na orla litoral.

Não obstante, durante este período terem sido promulgadas leis de protecção dos recursos naturais, uma análise mais cuidada leva a conclusão que estas eram de âmbito muito limitado, dado que se dirigiam essencialmente à organização de serviços e ignoravam por completo a problemática da conservação do solo. Estas leis destinavam-se a proteger algumas zonas da corrida pela ocupação de terras, e, por outro lado, para defender os interesses portugueses.

⁵² Gilpin, 1980:88 Ecossistemas podem se definidos como sendo “ um complexo natural de populações vegetais e animais e conjunto particulares de condições físicas em que existem, os organismos de uma área conjuntamente com as pectos de ambiente funcionalmente relacionados, consideradas como uma identidade única”

⁵³ Coelho, 1987:4

Portanto, essas medidas de protecção dos recursos naturais, foram promulgadas no contexto do quadro da política que visava a exploração do território nacional e referiam-se principalmente as práticas de caça e que culminaram com a definição de alguns recursos naturais. Somente na década 50 é que começou, finalmente, a implementação de medidas de protecção dos solos.

Como se pode deduzir, esta prática visava, em última instância, tirar partido de todos os recursos quer naturais quer humanos, mas para isso havia necessidade de controlar a vida das populações nativas em todos os aspectos da sua vida. Neste âmbito, só restou às autoridades coloniais a persuasão às populações no sentido de aceitarem a necessidade de construir as suas habitações em locais certos onde pudessem ser encontradas para o exercício dos seus direitos e obrigações.⁵⁴

Ora, estas medidas contrariavam absolutamente a agricultura itinerante, pois que esta, diferentemente da prática do pousio, está geralmente associada ao nomadismo, por frequentemente arrastar o homem para grandes distâncias, obrigando-o a habitar regiões diferentes, consoante exige, o esgotamento dos solos. Este facto pode explicar, em boa parte, as constantes guerras em que se envolviam as diferentes comunidades antes do domínio colonial. Por outro lado a organização e domínio colonial exigiam a delimitação territorial, o que desferiu um golpe à agricultura itinerante que o conduziu ao seu

desaparecimento.⁵⁵ Este facto é compreensível na medida em que o sedentarismo não permitia a prática de uma agricultura itinerante. Os entrevistados também demonstraram a tendência de se manterem sedentarizados, pois a maioria, nasceu e cresceu naquelas terras, utilizando os recursos de maneira a que estes não esgotassem, utilizando conhecimentos que foram adquiridos de geração em geração. A única deslocação que decorreu entre eles verificou-se durante a guerra civil que teve o seu término em 1992, estando neste momento as terras a serem reocupadas, pelos seus antigos habitantes e também por outros que decidiram lá fixar as suas residências.

3.3 Período pós - Independência

3.3.1 Comunidade e meio ambiente. Estratégias de uso e manejo dos recursos naturais

Seguindo a dinâmica dos acontecimentos aqui citados, falar de uma agricultura itinerante já não fazia sentido, pois haviam-se já mudados os padrões de cultivo. Assim, a partir deste momento passou-se a falar em agricultura após queimada, pois foi essa prática que se passou a utilizar com vista a preparação das terras. Esta prática é ainda usual em Gala Massala. Apesar de não ser a única esta é muitas vezes utilizada pelas famílias entrevistadas, principalmente quando estas pretendem abrir um novo campo

⁵⁴ Cancelas, 1972:95

para a agricultura. É frequente ver-se quando se viaja para o distrito muitos campos a serem abertos, utilizando como técnicas a prática de queimadas. Segundo o Director Distrital da Agricultura de Matutuine⁵⁶, a sua direcção tem vindo a sensibilizar as populações no sentido de não fazerem queimadas, porque em última instância, estas tiram muitos nutrientes e desgastam os solos, mas a população sempre contra-argumentou, dizendo que pratica as queimadas para matar as cobras e também porque as cinzas servem de adubos, antes de abrirem um novo campo.

Portanto a passagem ao sedentarismo, trouxe problemas para o nativo africano, problemas esses que se foram agravando na medida em que a agricultura itinerante foi passando à agricultura pós-queimada.

Em Moçambique, logo após a Independência, a agricultura foi definida como sendo a base económica pelo facto de mais de metade da população moçambicana viver nas zonas rurais.

Uma das medidas para consubstanciar esta definição foi a nacionalização dos recursos naturais pelo Estado determinando assim o seu aproveitamento. Na Lei de Terras nr.6/79 de 3 de Julho, esta lei estabelece que a terra é propriedade do Estado e não pode ser vendida ou alienada, hipotecada ou penhorada.⁵⁷

⁵⁵ Op.cit:95

⁵⁶ Sr. João, Matutuine, 1998

⁵⁷ Br Nr. 76, I serie, 3-7-79

Conseqüentemente, transformações ocorreram em Moçambique, uma das quais derivada do facto de a população logicamente ter uma grande expectativa em relação as terras que ocupavam. Pois perante estas medidas, ninguém sabia o que iria se passar com as terras que outrora pertenceram aos seus antepassados.

Portanto, estas mudanças logo à partida introduziram novos valores e modificaram valores que tradicionalmente eram definidos pelos seus antepassados, o que acabou por provocar alterações na mentalidade e no comportamento da população.⁵⁸

Entretanto, apesar de existirem leis que protegem o meio, quase duas décadas após a Independência, Moçambique continua incapaz de fazer com que estas sejam respeitadas. Contribuem para este facto as secas que ocorrem e os mais de 15 anos de conflitos militares.

A guerra fez com que, por um lado, houvesse grande fluxo de populações em certas regiões denominadas seguras, e estes não respeitavam nem as práticas agrícolas, nem o corte de árvores. Por outro lado, a falta de oportunidades de actividades geradoras de rendimento, devido a destruição de várias infra-estruturas, faz com que alguns recursos fossem usados excessivamente na ânsia de obter grandes rendimentos.

Fazendo referência à comunidade específica estudada, a utilização da terra está ligada a vários factores: Primeiro, os direitos que as populações têm

sobre a terra determinam o seu uso. Por exemplo, a maioria dos entrevistados, não mostrou interesse em fazer grandes investimentos nas áreas que ocupam, o seu espaço serve somente para a construção e prática da agricultura, tirando aquilo que serve para o seu usufruto. Nesta comunidade os seus habitantes nem sequer têm títulos de direito de uso e aproveitamento da terra⁵⁹. Neste momento em que grandes projectos (por exemplo o projecto de Blanchard) , põem em perigo o seu espaço , é que estes começam a preocupar-se com os referidos títulos.

Esta problemática tem maior impacto agora , porque os direitos a de uso e aproveitamento da terra, os sistemas de distribuição ou atribuição de terras e os mecanismos de resolução das disputas sobre a terra, não têm legitimação, neste momento, pois os grandes projectos, sempre que podem conseguem usurpar as terras destes camponeses.

Os entrevistados mencionaram que as estruturas tradicionais são quem atribuem e medeiam os conflitos sobre os vários recursos, mas estes disputando com os grandes investidores não são capazes de defender os interesses do pequeno produtor.

Portanto, nestas comunidades , nota-se a coexistência de duas formas de utilização dos recursos naturais. A primeira, que é praticada pela população camponesa, onde a maioria não utiliza tecnologia melhoradas. Os métodos mais utilizados para aumentar a fertilidade da terra são principalmente o uso de

⁵⁸ Martins, 1995:59

pousios e detritos armazenados. A opção por estes métodos simples e fáceis é devido ao capital existente, estes não tem dinheiro para adquirir adubos, ou outras formas que visam o aumento da produtividade.

Por outro lado, o sector privado, faz o uso de adubos, sementes tratadas, pesticidas e maquinaria. Isto traz benefícios a curto prazo, pois embora a produção seja garantida em alta escala nos primeiros anos, esta vai diminuindo ano após ano, devido ao desgaste dos solos.

Nesta região específica, problemas relacionados com a utilização irracional dos recursos é quase inexistente. Como já foi explicado anteriormente, o que poderá contribuir para o desequilíbrio, são os interesses dos grandes projectos que disputam grandes extensões dentro do distrito.

Como se disse anteriormente, os laços que ligam as comunidades a terras determinam o seu uso, faz com que especificamente em *Gala Massala* não haja um uso abusivo dos recursos. Primeiro por causa da existência de uma população reduzida, e de uma grande quantidade de recursos. Aqui também pode-se ver que a demografia tem grande influência, como se disse anteriormente em relação ao uso e aproveitamento dos recursos. Segundo, porque os nativos têm conhecimentos das formas de conservação dos recursos. Quando algum recurso é explorado extensivamente é feito na maioria dos casos por pessoas estranhas à comunidade, que não tem conhecimentos nem interesse de preservar tais recursos.

⁵⁹ Br Nr.40,I série,7-10-97: 3. Suplemento. Lei nr.19/97

Uma análise da estrutura social dessa comunidade mostra que o seu número e as relações de parentesco se mantiveram durante muitos anos, o que faz com que os recursos se mantenha conservados.

Nesta localidade, é difícil notar-se queimadas, o arranque desregrado de árvores, mostrando que eles têm conhecimentos em relação ao facto de "o arroteamento faz desaparecer a cultura vegetal, o arranque pela raiz impedir que qualquer regeneração vegetal arborizada, a queimada desorganiza a estrutura dos solos, que ficam mais activas a erosão"⁶⁰

Portanto, devido as características, quer em termos de recursos, quer em termos de organização social, condições específicas da zona, os problemas de utilização irracional dos recursos nesta zona não são tão alarmantes comparados com os de outras partes do distrito de Matutuine.

Em Matutuine ainda não se pode falar na sedentarização como causa de desequilíbrios ambientais pois ainda existem áreas extensas não ocupadas. Mas problemas de outra ordem podem surgir, uma vez que as áreas mais produtivas do distrito estão a ser concedidas ao sector privado, com interesses económicos, que superam a necessidade de utilização sustentável dos recursos. Daí se pode esperar que num futuro muito breve surjam graves problemas na gestão sustentável dos recursos naturais. Note-se que a área em que se circunscreve Gala Massala foi também concedida a um grande empreendimento privado.

Portanto, a gestão dos recursos naturais é imprescindível como forma de harmonizar as diferentes actividades de modo a garantir o desenvolvimento económico futuro da agricultura, da floresta, da pesca, do turismo, etc., de uma forma organizada. Através do planeamento de uma distribuição racional das actividades, podem ser aperfeiçoadas muitas estratégias com vista a melhorar a gestão dos recursos naturais⁶¹.

3.3.2 Meio Ambiente e Demografia

Com o aumento demográfico que se tem verificado nos últimos anos, começaram a surgir preocupações relacionadas com o esgotamento de certos recursos naturais.

Está tomada de consciência, emana da constatação de que: "Tudo o que constitui a base do desenvolvimento económico mundial tende para o esgotamento, e a demografia mundial acelera. Se não modificarmos os nossos objectivos económicos e as nossa práticas industriais agrícolas, se não renunciarmos a nossa filosofia tradicional de crescimento, o mundo encaminha-se rapidamente para a catástrofe. A penúria e a recessão industrial tornar-se-ão a regra na maior parte do planeta".⁶²

⁶⁰ Dumont, 1986:103

⁶¹ Lopes de Brito, 1997:25

⁶² Allégre, 1993:73

Em África, no geral, e em Moçambique, em particular, o aumento demográfico nos últimos anos tem sido acentuado, trazendo consigo alguns problemas.

Segundo a Comissão Nacional do Ambiente (CNA)⁶³, nestes últimos tempos (a partir dos anos 60), o crescimento demográfico tem sido mais acentuado e que a pressão demográfica exercida sobre as melhores terras (33% de terras cultiváveis) originou uma redução da superfície por agricultor, o que consequentemente faz com que as que se encontram disponíveis empobrecam por serem excessivamente explorados. Assim, os camponeses são obrigados a procurar outras áreas, fazendo com que as suas vidas quer económica quer social, sofram mutações.

Essas mudanças não são fáceis, pois muitas vezes estas populações não conseguem adaptar-se ao novo habitat, que possui um outro sistema de produção, etc. Em Matutuine, a questão pode ser colocada de outra forma. A pressão sobre os recursos existentes não é provocada pelo aumento demográfico, mas sim pelo aumento do número de empresas privadas que tem interesses na exploração dos recursos do distrito. Porque, ao invés de se observar um aumento populacional, como se disse anteriormente, há tendências de diminuição demográfica de ano para ano.

⁶³ CNA, 1992:9

Face a não adaptação a esses novos sistemas de produção, os agricultores transformam-se, sob a pressão demográfica, em grandes destruidores do meio ambiente. Bessis⁶⁴ ao debruçar-se sobre este aspecto, defende que os camponeses fazem arroteamentos inadequados, que são praticados por uma população com falta de novas terras para explorar e por outro lado, do aumento do consumo de lenha, que por toda parte destruiu as formações lenhosas.

Por outro lado, ligado à questão do aumento demográfico, há que ter também em conta que o abandono de práticas ancestrais, como, por exemplo, a prática de pousios longos, contribui também para o esgotamento dos solos, dando origem a uma considerável diminuição da produção de cereais. Portanto, segundo o mesmo autor, “sem meios para se adaptarem a nova situação demográfica, os homens deixaram de ser capazes de aumentar a produtividade dos sistemas agro-pastoris tradicionais, quer de salvaguardar os frágeis equilíbrios que outrora tinham conseguido estabelecer com a natureza”.⁶⁵

Por último, a ligação entre meio ambiente e demografia, baseia-se no facto de que o crescimento económico faz com que as necessidades em termos de satisfação das populações sejam enormes. Assim, devido à multiplicação dessas necessidades, existe implicitamente uma multiplicação de procedimentos técnicos. Por exemplo, as capacidades de destruição de que os homens dispõem não tem comparação com aquilo que eram há um século.

⁶⁴ Bessis, 1993:374

Estas capacidades de destruição, em última análise, põem em causa as próprias condições de sobrevivência da terra.

Para o caso específico de Moçambique, esta problemática do aumento demográfico pode estar aliada à pobreza. Como já se referiu anteriormente, Moçambique foi devastado por uma guerra de desestabilização, que deixou a maioria dos moçambicanos sem recursos, fazendo com que todos os recursos existentes sejam um meio de sobrevivência.

A Conferência das Nações Unidas sobre o Ambiente e Desenvolvimento, realizada em Estocolmo em 1972, constatou que : “A pobreza é a pior forma de poluição (degradação), na medida em que o crescimento demográfico força as populações de grandes zonas rurais a sobre – explorar os seus próprios recursos naturais renováveis, as florestas e o solo que estão dependentes para sobreviver”⁶⁶

Esta também é uma das constatações do trabalho de campo realizado em Matutuine, onde se podia ver que, em algumas áreas, anteriormente arborizadas, hoje quase nada existe. A população entrevistada, manifestou a sua preocupação em relação a este facto, mas também coloca o facto de não haver alternativas para a sua sobrevivência.

Brisset diz que “ quando o homem vive pressionado por necessidades imediatas revela-se mais terrível do que a chuva ou o vento”⁶⁷. Esta é uma

⁶⁵ op.cit,374

⁶⁶ Lopes de Brito,1997:27

⁶⁷ Brisset,1993:316-317

clara alusão ao facto de que as pessoas muitas vezes têm de sacrificar o futuro pela sobrevivência imediata.

Esta atitude verifica-se mais na agricultura, expressando-se de uma maneira muito particularmente aguda, não só no empobrecimento da biodiversidade, a superfície do globo, mas também nas condições de higiene deploráveis em que vivem a maioria dos habitantes do planeta.

Concluindo, o aumento demográfico, faz com que a complexidade dos requisitos em matérias de recursos naturais aumente grandemente. O facto é que a natureza é frágil e tem um equilíbrio delicado, e todas as actividades desenvolvidas pelo ser humano põem em causa a integridade básica do sistema. Sobre este assunto a Comissão Mundial do Ambiente e do Desenvolvimento (WCED), chama atenção referindo que “ a velocidade a que estão processando as mutações no uso dos recursos deixam-nos muito pouco tempo para se prevenirem os efeitos inesperados”⁶⁸

3.3.3 Meio Ambiente e Economia

Neste período, os problemas relacionados com o meio ambiente estão ligados a interacção do homem com a natureza. Isto é, o homem desempenha algumas actividades que representam um perigo para a natureza. Essas actividades tem tendência a ameaçar a vida de inúmeras espécies, incluindo a

própria corrente humana. Ilustrando este aspecto WCED, refere que “em cada ano, mais de seis milhões de terras de sequeiro produtivo transformam-se em deserto estéril, isto é em terras improdutivas”⁶⁹.

Portanto, pode-se deduzir que dentro desta relação, o problema de desenvolvimento económico é um ponto assente. Apesar de os governos terem consciência de que muitas das formas de desenvolvimento económico causam problemas ambientais, têm também a consciência de que é impossível separar as questões de desenvolvimento económico e ambiente. Por exemplo, a nível mundial, em nome do desenvolvimento, esgotam-se complemente os recursos naturais, que em última instância, são o meio de sobrevivência da maioria das pessoas.

O empobrecimento dos recursos num dado lugar pode levar então ao empobrecimento de áreas mais extensas, isto porque o abate de florestas por agricultores ou pessoas individuais, provocam a degradação dos solos, tendo como consequência que estes tenham a necessidade de se refugiarem em outros lugares em busca de auxílio, isto é, a procura de novas terras fora das suas fronteiras.

Nos países em desenvolvimento de que Moçambique faz parte, ainda existem alguns recursos, que apesar de estarem protegidos por leis nacionais e internacionais⁷⁰, nunca se respeitam esses princípios, quer pelas comunidades

⁶⁸ WECD, 1987:43

⁶⁹ WCED, 1987:10

⁷⁰ Br. Nr 34, I serie, 24, 1994 Convenção das Nações Unidas sobre a diversidade biológica.

locais que muitas vezes não conhecem a lei, ou, mais grave ainda pelos países industrializados, apesar de conhecê-los, nunca se observaram. Segundo a (WCED) “ a desigualdade é o principal problema ambiental do mundo e é também o seu principal problema de desenvolvimento”⁷¹

Junta-se a este problema as relações económicas desiguais impostas aos países em desenvolvimento, por exemplo, através de políticas do FMI (Fundo Monetário Internacional) e do BM (Banco Mundial), pelos países do primeiro mundo por consequência, os países em desenvolvimento são obrigados a contrair várias dívidas para fazer face aos diversos problemas que os afligem, contribuindo assim para a agudização dos seus problemas ambientais, na medida em que os recursos são explorados desenfreadamente. Em Matutuine por exemplo, o futuro económico, a oriente do Rio Maputo e entre a Ponta D'Ouro e Machangulo⁷², será dominado pelo turismo que, concerteza, irá exercer uma grande pressão sobre os recursos aí existentes. Estes problemas reflectem-se pelo facto destes países estarem sempre sobre pressões económicas enormes, tanto internas como internacionais, conduzindo-os a explorarem excessivamente a base da sua riqueza ambiental.

Nota-se que, em muitos destes países, no caso particular de Moçambique, a agricultura, a floresta, a produção de energia e a mineração geram, em conjunto, cerca de metade do produto nacional bruto, e tem um peso ainda mais importante na oferta de trabalho e no sustento das populações.

⁷¹ WCDE, 1987:14

Um exemplo clássico dos problemas que a interação entre a economia e o meio ambiente podem causar é a recente crise em África. Muitas vezes associam-se a estes problemas as questões climáticas, mas o problema, avança muito mais para além desta questão. Bessis, encontra uma justificação para ocorrência deste facto dizendo que “ elas filiam-se em parte em políticas nacionais que deram pouco ou tardia atenção as carências do pequeno agricultor e os riscos de um rápido aumento demográfico.”⁷³

Este é realmente um facto constatado, em que as necessidades dos camponeses são sempre relegadas para o segundo plano, em virtude destes países terem compromissos com os países industrializados. Este facto está na origem dos vários conflitos existentes entre as populações e os vários empreendimentos que existem em Matutuine, pois quando o governo concede estas terras para a exploração, não discute os seus planos com a população. Muitos destes empreendimentos ignoram as formas de gestão dos autóctones e na maioria das vezes impõem as suas formas de gestão, o que também é um foco de conflitos. João, um dos residentes de Gala Massala, encontra-se muito agastado com este tipo de situações e refere que: “Nós não queremos esses brancos porque eles vêm nos tirar a terra que ocupamos a muito tempo. Nós vivemos desta terra e agora eles aparecem para no-la tirar. Assim nós nunca deixaremos que eles trabalhem a vontade , pois a terra pertence-nos”⁷⁴

⁷² Gala Massala está dentro desta faixa

⁷³ Bessis, 1993:314

⁷⁴ João, Gala Massala, 1998

Por outro lado, a WCED argumenta que as dívidas que os países africanos não conseguem pagar, levam-nos a ficarem dependentes da venda dos seus produtos, da exploração excessiva dos solos frágeis, transformando assim a terra produtiva em terra não produtiva, pois os países industrializados transportam as suas tecnologias avançadas para explorar os países em desenvolvimento, deixando-os particularmente sem nenhum recurso.⁷⁵

Portanto, pode-se concluir que a produção básica em certas áreas em vias de desenvolvimento é vitimada tanto pela má gestão local, como pela acção de agentes económicos internacionais.

No caso particular de Moçambique, apesar deste ter um património natural rico e diversificado, começa-se a desenrolar em algumas zonas uma grave crise ambiental, cujas causas não se devem só a variabilidade climática, mas também as actividades rurais de uma população jovem e de crescimento vigoroso, a uma situação económica difícil, decorrente da crise em que o país viveu durante a guerra de desestabilização. Para além destes factores, podem-se associar-se as condições do mercado em termos de matérias primas e ao endividamento externo, este último já focado anteriormente.

Um outro factor a considerar é que em Moçambique, no seu conjunto, mais de metade da população activa encontram-se nas zonas rurais, e utiliza técnicas e utensílios tradicionais e rústicos. Isto em parte porque os governos tem sempre relegado como se disse anteriormente, o pequeno agricultor para o

⁷⁵ WCDE, 1987:16

segundo plano. Assim, além do fraco rendimento das diversas culturas, a produção agrícola apresenta um crescimento muito irregular, insuficiente para suprir as necessidades de uma população em crescimento.

Em última instância, o esgotamento dos solos obriga os agricultores a encurtar os pousios, e a aumentar a superfície de cultivo, arroteando os terrenos envolventes.

Realmente, isto é prática da maioria dos pequenos camponeses que dando o seu testemunho explicaram como se desenrolava a sua prática agrícola, dizendo que para a abertura de uma machamba se prepara uma grande extensão de terra para o plantio. No primeiro ano esta terra é designada por "Lisinde", no segundo ano em que o agricultor volta a semear nela se chama "Xhlanga", e no terceiro ano designa-se de "Pula", "e no terceiro ano, o agricultor vendo que a terra já não produz a mesma quantidade e qualidade que a do primeiro ano, procurará uma nova terra onde fará uma outra machamba, e recomeçará o processo. Este método serve em última instância para permitir que a terra adquira as suas propriedades.⁷⁶

Um outro problema que este tipo de práticas carrega consigo é a erosão dos solos, que por sua vez modifica também as práticas agrícolas das populações. Este problema é muito grave, pois nestas regiões os solos já são pobres em sais minerais e estão retidos por raízes de árvores. Assim, nestas áreas os camponeses são obrigados a procurar novas terras para desarborizar,

para poderem fazer as suas sementeiras. Consequentemente, este processo de desarborização constante faz com que os solos, que já são fracos, se deterioreem mais rapidamente. Portanto, “nestes solos a erosão acelera-se e rapidamente priva-se de húmus, e com a falta de adubo, o solo torna-se estéril”.⁷⁷

Para além dos factores económicos que muitas vezes ditam o relacionamento do homem com a natureza, outro fenómeno a considerar, para que existam esses problemas de degradação ambiental, é o factor demográfico.

⁷⁶ Fernando Manganhela, Gala Massala: 1998

Capítulo 4. Papel da Mulher na Gestão dos Recursos Naturais

A questão de utilização do meio ambiente pelas mulheres tem de ser analisada sob a perspectiva de género. Para este trabalho define-se género como as relações sociais estabelecidas entre homem e mulher⁷⁸. Esta relação, não se refere somente a homens ou mulheres, mas sim à relação entre eles e a forma como ela é socialmente construída. Portanto, estas relações são contextualmente específicas e, frequentemente, alteram-se em resposta à circunstâncias económicas diferentes.

A análise da gestão do meio ambiente sobre a perspectiva de género é crucial pelo facto de existir um grande número de mulheres e de homens pobres que estão directamente dependentes do acesso aos recursos naturais para a sua sobrevivência.

Portanto, não existe igualdade na divisão e realização das diferentes tarefas. Enquanto a mulher normalmente tem múltiplas e muitas vezes desproporcionais responsabilidades, elas possuem poucas propriedades e o controle sobre os meios de produção e da propriedade, fazem com que elas fiquem numa posição de subordinação em relação ao homem. Este facto é mais evidente na região sul no geral e em particular na região estudada onde se constatou que os homens são aqueles que controlam as propriedades, os

⁷⁷ Allégre, 1993:88

⁷⁸ Scott, 1989:1-2

recursos e os rendimentos familiares. Entrevistando separadamente homens e mulheres constatou-se que os homens e mulheres desenvolvem tarefas diferentes, possuem níveis de controle de rendimentos diferentes, ocupam o tempo de forma diferentes, têm direitos tradicionais e legais diferentes e ainda têm conhecimentos diferentes. Sendo assim, é também muito importante observar que estas diferenças e as relações sociais estabelecidas contribuem evidentemente para mudar as atitudes das mulheres em relação ao acesso, uso e gestão dos recursos naturais.

Não obstante, a existência do desequilíbrio entre a posse e controle sobre os recursos, as mulheres encontram-se sempre em lugar de subordinação em relação aos homens, facto que faz com que elas sejam sempre dependentes destes. A propósito uma das entrevistadas testemunhou este facto dizendo que: “enquanto o meu marido estiver na África do Sul, eu não posso vender nenhum bem de que possuímos. Mesmo os rendimentos que tenho quando pretendo vender algum produto que costumo tirar da machamba, tenho de consultá-lo antes de fazê-lo. Mesmo a decisão de venda e troca de bens que existem na nossa propriedade tem de ser tomada por ele, mas na ausência dele a produção e o “controle” dos bens está sempre sob a minha responsabilidade”.⁷⁹

Sobre a mesma temática, veja-se, por exemplo, que apesar de a mulher representar em Moçambique mais de metade da população total e de ser a principal responsável pela produção de alimentos, o seu trabalho é pouco

valorizado, em virtude das actividades desempenhadas pelo homem serem mais visíveis e valorizadas. Júlia uma moradora do bairro Muhaha disse que: “No meu dia a dia desempenho tarefas como cultivar, apanhar lenha, buscar água, cozinhar e cuidar das crianças. Acordo muito cedo e durmo muito tarde, mas o meu marido e muitos outros homens costumam frequentemente dizer que nós as mulheres não trabalhamos e quem trabalha são eles (os homens)”.⁸⁰

Este não é o único caso, mas é uma constatação verificada durante o estudo. Na comunidade onde este estudo foi realizado, o papel da mulher é ainda mais evidente, (mas mesmo assim não valorizado), devido à mobilidade dos homens no distrito. Como se mencionou em capítulos anteriores, a maioria dos homens deslocam-se quer para países vizinhos, como para a cidade capital à procura de emprego, ficando as mulheres responsáveis pela estabilidade familiar.

Tal como no resto do país, em Matutuine a mulher representa mais de metade da população local e é ela a principal responsável pela produção de alimentos. No caso específico da comunidade que é objecto deste estudo, esta situação prevalecente, devido à mobilidade dos homens no distrito. Assim, a mulher mantém uma estreita ligação com o meio ambiente, servindo-se dela para a satisfação das suas necessidades vitais.

⁷⁹ Mariana, Gala Massala: 1998

⁸⁰ Júlia, Gala Massala: 1998 Esta rotina diária ilustra as tarefas e o tempo que as mulheres levam a executá-las comparando-as com as dos homens.

No caso da lenha, é a mulher quem a procura e dado que este é ainda um recurso abundante nesta zona a sua exploração não tem ainda provocado a erosão. Isto deve-se aos métodos usados pelas mulheres na recollecção deste recurso. Elas continuam a observar os conhecimentos ancestrais, utilizando somente aquelas espécies que não servem para a madeira nem como árvores de fruto. Devido a abundância deste recurso, este não é comercializado na zona estudada, facto que não é frequente em outras áreas do distrito, que começaram a ter graves problemas de desflorestação.

Em relação à utilização da terra e apesar de não ser reconhecida a posse da mesma pela mulher, ela desempenha um papel muito importante em termos de seu uso. Na região estudada o homem é que detém o poder sobre o uso da terra, regulamentando a intervenção nesta de acordo com o sistema de parentesco. Por exemplo, eles é que decidem em caso de venda da terra o que fazer com os bens aí existentes, ou em caso de uma nova ocupação o que fazer na nova terra. Mesmo em relação à transmissão da terra aos herdeiros, a maioria dos entrevistados concede-as principalmente aos elementos masculinos do agregado familiar e somente 10% dos entrevistados se referiram a elementos femininos como potenciais herdeiros das terras que seus pais ocupam. Mas apesar de não ser reconhecida a posse da terra pela mulher, a mulher desempenha um papel importante em termos de seu uso e aproveitamento, quer seja para a recollecção ou para a produção de alimentos. Em princípio estas actividades não causam graves problemas no meio

ambiente, pois o seu desenvolvimento é feito seguindo normas tradicionais, estas que vão garantindo que os solos não percam os seus nutrientes. Por exemplo, a prática de consociação de culturas é feita pela maioria dos camponeses entrevistados. "Na minha machamba eu costumo semear ao mesmo tempo milho e abóbora. Faço isto para permitir que a terra tenha mais nutrientes"⁸¹

Devido a esta relação muito importante que as mulheres estabelecem com a natureza, elas ficam totalmente envolvidas na sua protecção principalmente das árvores, pois estas em tempos de seca, pelo menos fornecem frutos para a sua subsistência. Destes frutos não é só aproveitada a polpa, mas também a semente para vários fins.

Em relação à produção de alimentos esta é feita maioritariamente para a subsistência dos agregados, não se verificando grandes índices de comercialização. Portanto, o cultivo da terra pelas mulheres contribui duma maneira importante para a sobrevivência familiar e não obstante as mulheres serem privadas de campos pessoais a produção destas é decisiva para a nutrição, saúde e bem estar dos filhos e da família. Segundo Dumont "é conhecido o papel económico insubstituível que elas desempenham no seio da célula familiar"⁸². Apesar destes todos aspectos cabe à mulher o aproveitamento dos recursos aí existentes, quer seja recollecção ou produção de alimentos.

⁸¹ Isabel, Gala Massala, 1998

Portanto, não obstante o facto de serem os homens os principais herdeiros, a gestão dos recursos que nela contém é feita pelas mulheres, pois a ela cabe a maior parte das tarefas quer domésticas quer em relação ao uso e aproveitamento dos recursos locais.

A recollecção de plantas medicinais⁸³, é feita também principalmente por mulheres e esta destina-se tanto para uso doméstico, como para a comercialização. As mulheres sabem que plantas podem cortar e como as devem cortar para que então não se degenerem. Não obstante, segundo Dumont⁸⁴ geralmente é desprezada a massa de conhecimento que estas acumulam.

Em relação à água, cabe a mulher fazer a sua recolha e gestão, porque, a sua falta e a boa qualidade para o uso doméstico é sentida principalmente pela mulher. Em Gala Massala, não existe nenhuma fonte melhorada de água, sendo esta retirada das lagoas que circundam a região. Em princípio, este não parece ser um grande problema para as mulheres, pois durante quase todo o ano possuem água e elas têm conhecimento de quais são as melhores alturas para tirar água mais pura. Sobre este assunto uma das entrevistadas disse o seguinte: "O problema com a água é que ela é um pouco insalubre, mas quando

⁸² Dumont, 1986:40

⁸³ As plantas medicinais, são muito importantes para a cura das doenças, pois pelo facto de os hospitais e centros de saúde se situarem muito longe dos seus locais de residência, a medicina tradicional toma um papel muito importante na cura de certas doenças, daí a necessidade de conservação destas espécies.

⁸⁴ Dumont, 1986:40

chove um pouco, é possível encontrar água mais limpa e nessa altura aproveitamos tirar boa água para o nosso consumo”⁸⁵

Só durante a época seca é que estas enfrentam alguns problemas porque algumas fontes de água existentes secam e em algumas a água é salgada e assim as mulheres são geralmente obrigadas a percorrer grandes distâncias até a fonte mais próxima.

Portanto, as mulheres utilizam e gerem muitos recursos quer sejam a lenha, os frutos, as folhas, produtos medicinais e outros. Muitos destes recursos são utilizados como elementos de subsistência e durante a época seca os recursos silvícolas tornam-se de importância capital, pois daí são aproveitados os frutos e vários tipos de combustível.

A participação na gestão dos recursos naturais não deverá somente levar em conta as diferenças do género, dentro das necessidades e prioridade mas também assegurar a independência das mulheres no acesso e assegurar também o direito em relação aos recursos naturais.

⁸⁵ Madalena, Gala massala, 1998

Conclusão

Na comunidade estudada denota-se a coexistência de duas formas de utilização dos recursos naturais. A primeira é praticada pelos camponeses que tem como principal actividade económica a agricultura em pequena escala, sendo utilizados métodos como o pousio, queimadas e detritos armazenados para aumentar a fertilidade do solo. Os habitats naturais, tais como florestas, pastagens, lagoas e lagos de água potável e o litoral fornecem a estas populações muitos préstimos e bens.

Por outro lado, existe o sector privado ao qual foram concedidas grandes áreas de projectos de eco-turismo. Muitas das actividades desenvolvidas pelo sector privado põem em causa a existência das comunidades locais, em geral, e de Gala-Massala, em particular, que vivem e sobrevivem dos recursos desta terra.

Em relação à degradação ambiental perpetrado por parte da população residente, esta ainda não é visível. Primeiro, porque Gala-Massala é habitado por um número limitado de pessoas, não exercendo assim uma grande pressão sobre os recursos existentes. A paisagem existente é quase que intocada, é muito natural e muito agradável de se ver, até parece que por lá ainda não passou ninguém. A população quando conserva esta paisagem natural sabe que,

“o arroteamento faz desaparecer a cultura vegetal, o arranque pela raiz impede que qualquer regeneração vegetal arborizada, a queimada desorganiza a estrutura dos solos, que ficam mais activas a erosão”⁸⁶.

Segundo, porque também os habitantes, gerem os seus recursos de acordo com os seus conhecimentos de conservação, transmitidos de geração para geração. Também enfatiza-se que os mitos que existem regulam a utilização dos recursos, pois a população respeita muito estes. E caso estes não sejam respeitados, as pessoas são penalizadas. Portanto, quando há casos de utilização descoordenada de alguns recursos esta é prepetada na maioria das vezes por pessoas alheias a comunidade.

Portanto devido as características, quer em termos de recursos, quer em termos de organização social, condições específicas da zona, os problemas de utilização dos recursos naturais nesta zona, não são tão alarmantes quando comparadas com outras zonas do distrito de Matutuine.

⁸⁶ Dumont, 1986:103

Referências Bibliográficas

1. ACNUR/PNUD (1996). "Perfis do Desenvolvimento Distrital: Distrito de Matutuine. Província de Maputo". Maputo.
2. ALLÉGRE, Claude (1993). Ecologia das Cidades: Ecologia dos Campos. Instituto Piaget. Lisboa. Portugal.
3. Ministério da Educação (1996). Atlas Geográfico vol.I. Moçambique
4. BAQUETE, D.S. (1995). Estudo da Exploração dos Recursos Naturais da Reserva do Maputo pela População Local. Trabalho de Licenciatura. Maputo. UEM.
5. BESSIS, Shophie (1993). África Tropical : "O Preço de uma Revolução Agrícola". In: Estado do Ambiente no Mundo. Instituto Piaget. Lisboa. Pp. 373 - 374
6. BOOTH, A. et al (1994). Status of the Environmental in Southern Africa: Southern Africa Research and Documentation Centre. IUCN. Penrose Press, Johannesburg.
7. Boletim da República Nr.76, I Serie (1976). Lei nr 6/79. Imprensa Nacional. Moçambique
8. BRISSET, Claire (1993). "Pobreza, Ambiente e Saúde: O Futuro Sacrificado". In: Estado do Ambiente no Mundo. Instituto Piaget. Lisboa; pp.315 - 321
9. CANCELAS, Alexandre (1972). Contribuição para uma Política Social Moçambicana. Braga. Pax. Portugal.

10. CARVALHO, Mário de (1969). A Agricultura Tradicional em Moçambique. Lourenço Marques.
11. CHAMARD, Philippe Claude (1993). "África : Um Rico Património Natural em Perigo". In: Estado do Ambiente no Mundo. Instituto Piaget. Lisboa. Pp.365-368.
12. COELHO, J.P.B. (1987). "Apontamento Histórico sobre a Conservação dos Recursos Naturais em Moçambique". Maputo.
13. CORRÊA, Sónia & HOMEM, Eduardo (1987). "Moçambique: As Primeiras Machambas". Rio de Janeiro. Brasil.
14. Comissão Nacional do Ambiente e do Desenvolvimento (WCED) (1987). O Nosso Futuro Comum. Lisboa. Meribérica/Liber. Portugal.
15. Comissão Nacional do Meio Ambiente (1992). "Estudo de Posse e Uso da Terra em Moçambique". Maputo.
16. DELEAGÉ, Jean – Paul (1993). "Uma Nova Era em Perigo". In: Estado do ambiente no Mundo. Instituto Piaget. Lisboa.
17. DELEAGÉ, Jean – Paul (1993). "As Etapas da Consciencialização". In: Estado do Ambiente no Mundo. Instituto Piaget. Lisboa. Pp.35-40
18. DUMONT, René (1986). Em Defesa de África, Acuso: O Diário de um Agrónomo no Shael em vias de Destruição. Europa Amadora. Lisboa.
19. GOMES e SOUSA, A.F. (s/d). "Protecção da Natureza em Moçambique".
20. GILPIN, A. (1980). Dicionário de Termos do Ambiente. Publicações Dom Quixote, Lisboa.

21. HELVETAS (1998). "Akuhlaiseka ka Titsomba ta Ngomeni" (como estão bem conservados os recursos de Ngomeni!). Matutuine.
22. INPF (1996). Plano de Uso da Terra do Distrito de Matutuine Parte A: Análises Preliminares. MICOA. Maputo
23. JUNOD, H.A (1974). Uso e Costume dos Bantos: A Vida numa Tribo do Sul de Africa. Tomo II, 2.ed, Imprensa Nacional de Moçambique. Lourenço Marques
24. LOFORTE, Ana Maria (1996). "Direitos Consuetudinários em Moçambique: Normas relativas a Herança e Transmissão de Terras: O Caso do Sul de Moçambique". Núcleo de Estudos de Terra. Maputo.
25. LOPES, L (1996). "Estudos Demográficos". In: Plano de Uso da Terra do Distrito de Matutuine: Estudos Parciais. MICOA, Maputo.
26. LOPES DE BRITO, António José dos Santos (1997). A Protecção do Ambiente e os Planos Regionais de Ordenamento do Território. Lisboa. Livraria Almedina. Portugal.
27. MOTTA, H (1995). Ambiente em Moçambique: Vamos Geri-lo Melhor?. MICOA, Maputo.
28. NEGRÃO, J. et al (1996). A Participação das Comunidades na Gestão dos Recursos Naturais. Projecto COMRES. GTA/MICOA. Maputo
29. PILE, K. (1995). "Soil Erosion and People's Perceptions in Rural Community in Kwazulu Natal, South Africa". In: Geojournal. Kluwer Academic Publishers. Netherlands. pp 59-64

30. SAHOP, D.O. (1978). Secretaria de Asentamientos Humanos y Obras Públicas. Glossário de Termos Sobre asentamientos Humanos. Mexico
31. SCOTT, J.(1989). Gender un Useful Category of Analyses: Gender and Politic of History. New York
32. TELLO, J.L.P.(1973). "Reconhecimento Ecológico da Reserva dos Elefantes do Maputo".In: Veterinária de Moçambique:pp133-186

DIVISÃO ADMINISTRATIVA SUL DA PROVÍNCIA DE MAPUTO



LEGENDA

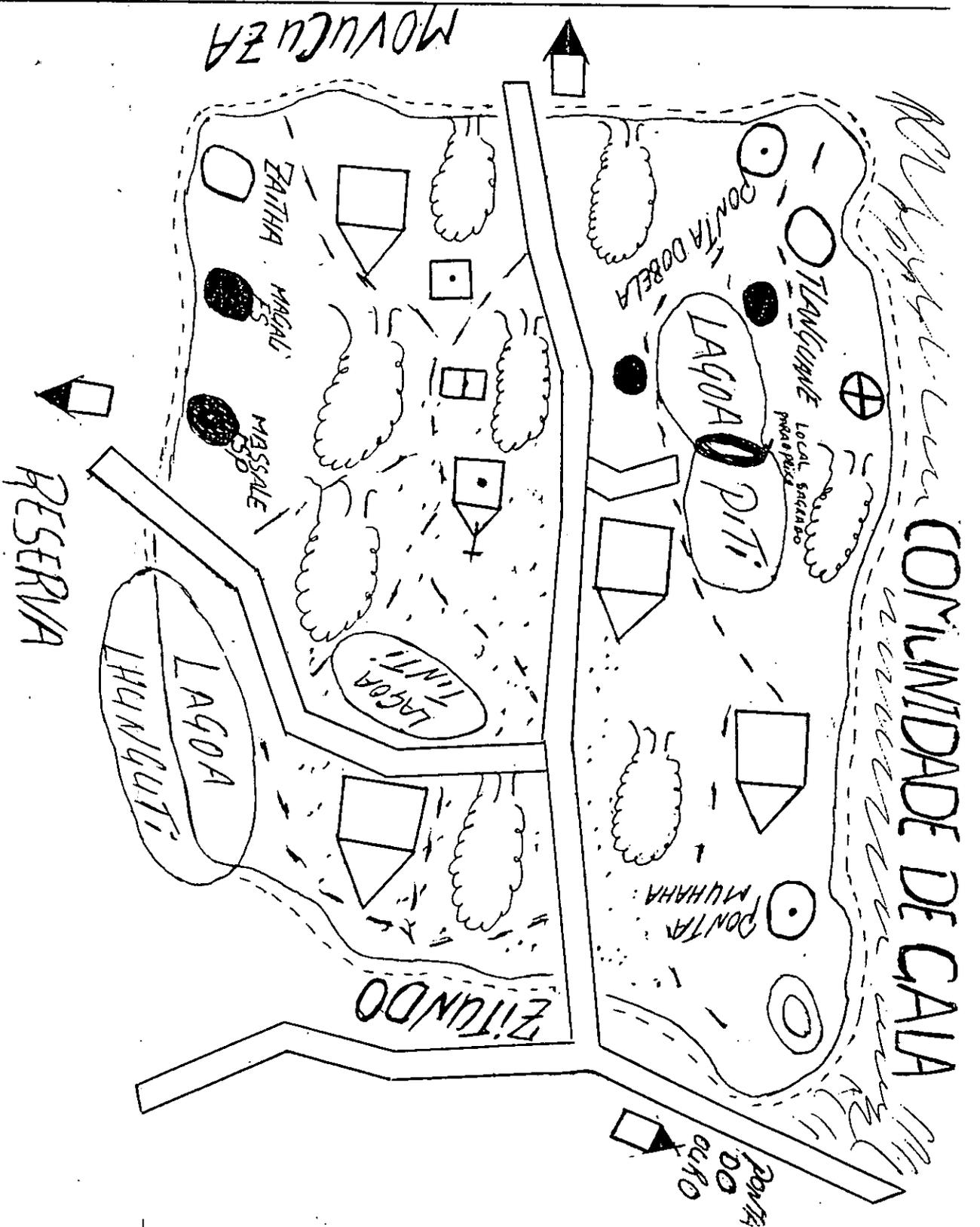
-  Rios
-  Linha ferrea
-  Estradas
-  Capital da Provincia
-  Capital do Pais
-  Sede do Distrito
-  Sede do Posto
-  Boane
-  Machangulo
-  Maputo-Cidade
-  Matola
-  Matutuine
-  Namaacha

0 0.12 Kilometers



LEGENDA

- ⊗ - CEMETÉRIO
- 🌳 - ÁRVORE
- - FLORESTA SAGRADA
- - PONTA
- - POVAÇÕES
- ⊙ - MONTE
- ◻ - CASA DO RÉGULO
- ◻ - LAQOA
- ◻ - ACAMPAMENTO DA RESERVA
- == - ESTRADA
- ◻ - CASA
- ◻ - ESCOLINHA
- ◻ - IGREJA
- ◻ - SENTIDO DA ESTRADA
- ≡ - TRILHA
- ≡ - OCEANO
- ⋯ - PLANÍCIE



HSS: FELISBÉRIO D. U. 3.º QUITABR. 0. 98

GUIÃO DE ENTREVISTAS

1. Identificação Social

- Nome
- Idade
- Local de nascimento
- Língua materna
- Ocupação
- Estado civil
- Local de residência

1 Breve Historial do local

- Nome do local
- Organização (divisão administrativa)
- População existente

3 Vida Social

- Existe população que veio de for a, retornados
- Direito à herança (terra, gado, bens existentes na terra)
- Quem participa e como participa no cultivo da terra
- Qual a importância das pessoas idosas na região
- Como é representado o poder tradicional e suas actividades dentro da comunidade
- Quais as cerimónias tradicionais que se realizam, por quem eram realizadas e se até ao momento continuam a realizar-se
- Qual a importância das árvores, terra e os locais sagrados

2 Instituições

- Quais as instituições existentes (Poder oficial/não oficial)
- Qual a interacção existente entre os vários poderes
- Qual o papel dos curandeiros na comunidade

3 Recursos Naturais

- Quais os recursos naturais existentes
- Como são geridos
- Quais as tradições/mitos existentes
- O que a comunidade entende por gestão dos recursos

4 Actividades Económicas

- Como obtém o rendimento familiar
- Quais as culturas existentes na machamba. Qual o sistema usado (regadio/sequeiro)
- Que tipo de animais são criados e problemas enfrentados
- Quais os principais recursos pesqueiros, qual o destino
- Que importância tem as outras actividades económicas

6. Infra-estruturas sociais (observação directa)

- Tipo de construção
- Como é formada a comunidade , disposição em relação à fonte de água, localização da escola, Igreja e posto de saúde

HISTÓRIAS DE VIDA

Nome: Neletina Xinda

Idade

Local de nascimento: Kamuhaha

Línguaa materna: Xizinguire

Ocupação : machamba

Nr. de filhos : 7

Religião

Local de residência : Kamuhaha

Eu vivo aqui em Gala Massala em Kamuhaha. Tenho 3 filhos que estão a viver comigo e com o meu marido, os outros estão na África do Sul a trabalhar.

Tenho uma machamba na zona baixa onde planto milho, mandioca, amendoim, tomate e outros produtos que utilizamos no nosso dia a dia.

Quando fui pela primeira vez ver o local onde pretendia fazer a machamba, tudo estava cheio de capim. Era um grande mato. O meu marido, com a ajuda de alguns amigos foram para o local com catanas e enxadas para desbravarem o terreno, e só depois disso é que eu comei a fazer a minha machamba. A machamba tem terra boa, ela se encontra próximo de uma lagoa. Tudo que semeamos cresce sem problemas, não precisamos de usar produtos para por na terra para as plantas crescerem, o único problema que temos é com os porcos que vem de noite e estragam as machambas.

Na outra machamba, que temos muito longe daqui temos muitos problemas porque agora não chove, então a terra esta muito dura para semear e é longe do rio, não podemos conseguir levar água até lá.

De dois anos para cá, parece que a machamba esta cansada. Aquilo que semeamos já não cresce muito bem. A muito tempo que meu marido cultivava naquele lugar. Antigamente, quando a machamba não dava nada procurávamos outro lugar para cultivar, enquanto naquela terra ficava a crescer capim, agora temos muito medo, porque dizem que existem lugares que ainda tem minas.

Também, a muito tempo quando não caísse chuva nós pedíamos ao régulo para fazer uma cerimónia. Então o régulo falava com os homens dele e depois começavam a cobrar dinheiro de casa em casa. Marcava um dia para ir naquele lugar onde foi enterrado o pai do régulo, para lá só iam as pessoas mais velhas da zona (homens), com aquele dinheiro compravam um animal e bebida. Depois, no local o régulo fazia a cerimonia, matavam o animal e faziam uma festa no local. Toda a carne tinha que ser comida no local. As vezes começava a chover enquanto as pessoas estavam a comer.

Existem muitas coisas que se faziam antigamente e que agora já não se fazem, porque o régulo que esta agora não é da família daquele que morreu durante a guerra. Então, há coisas que quem tem que fazer é a própria família. É talvez por isso que este ano ainda não tivemos chuva e se continuar assim vamos morrer de fome.

Aqui em Gala não temos muitos problemas, só quando pescamos não conseguimos vender o peixe porque Ponta d'Ouro é muito longe para ir com o saco na cabeça. É muito raro passar pessoas por aqui. Aqui quem tem carro é o Sr. Faria, aquele branco que tem uma casa perto da lagoa Piti, mas, o carro dele é para carregar o peixe dele para vender na Catembe e em Maputo, o nosso peixe as vezes fica muitos meses sem conseguirmos vender, por isso são poucas pessoas que pescam para vender. Nós pescamos para o consumo.

Nome: Fernando Manganhela

Idade

Local de nascimento: Katendiza

Língua materna : Xiringuire

Ocupação : Machamba/ Corte de madeira

Estado Civil : Casado

Nr. de Filhos : 5

Religião

Local de Residência : Katendiza

Eu sou natural daqui, Katendiza. Nunca saí daqui, saí quando os bandidos armados chegaram, então fugi para a África do Sul onde tenho uma grande parte da minha família.

Depois da guerra regressamos, muitos até hoje não querem voltar porque ainda não acreditam que a guerra acabou.

Aqui em casa eu , a minha mulher e mais o meu filho mais velho trabalhamos na machamba (mulher), no corte de estacas para a construção de casas, caniço (homens). A minha mulher diz que as vezes aparecem uns bichinhos pequenos na machamba que comem o milho enquanto ainda é pequeno, ela disse que existe um remédio para matar esses bichos, mas parece que custa muito dinheiro em Maputo e nós não temos, por isso há vezes que não chegamos a colher quase nada porque o milho foi comido pelos bichinhos.

Para ver se arranjamos algum dinheiro para comprar açúcar eu e o meu filho cortamos estacas e troncos (eucaliptos), para vender aquelas pessoas que estão a fazer casas de madeira em Machangulo.

Nós quando cortamos á árvore não cortamos com a raiz, se cortar com a raiz a árvore já não vai crescer. A árvore tem de ser um bocado larga e temos que deixar a medida de um braço para poder crescer. Mas existem pessoas que vem de noite cortam de qualquer maneira as árvores. Nós já fizemos reunião como régulo para ver se encontramos formas de controlar a zona , mas ela tem muitos lugares onde podem cortar as árvores e nós somos muito poucos para controlar todos estes lugares.

As vezes também costumamos pescar. Não vendemos o peixe, porque todos aqui tem rede para pescar. Nós não pescamos durante o ano todo, porque dizem que tem uns meses que os peixes põem ovos, então nesse período o régulo diz que ninguém pode pescar e se apanhar alguém é castigado. As pessoas daqui respeitam muito o que o régulo diz, por isso nunca foi apanhado ninguém.